

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ÓRGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 23 de Novembro de 1879

N. 49

O ARTISTA

Desterro, 23 de Novembro de 1879.

Reflexões sobre a instrução popular.

IV

Quem não tem desenvolvida a intelligencia, ou tem corrupto o coração (basta uma d'estas cousas) não vive da plenitude da vida, é um ente semimorto, incompleto! (D. Antonio de Macedo Costa.)

Desça do céo do poder o sol da instrução, e haverá dia em todas as classes, haverá dia em todo o povo!

Cultive-se a intelligencia do povo, que o seu physico e moral mais desenvolvidos verão; por melhores que sejam a educação do corpo e a da moral, não se completarão sem o auxilio da intellectual.

As trez educações constituem uma só (não cessarei de dizel-o) são totalmente inseparaveis.

A divisão que d'ellas se faz, diz Garrett, é methodica; mas na natureza não se pôde dividir a educação.

A educação physica é, tambem, moral e intellectual; a moral é, tambem, physica e intellectual; a intellectual é tambem, physica e moral.

Simultaneamente se desenvolvem, porque se desenvolvem ao mesmo passo as faculdades espirituas.

Tem a precedencia a physica; mas nunca separavel das outras.

De certa epocha em diante prevalece a educação moral; mas inseparavel, sempre, das outras.

Tem o terceiro logar a educação intellectual; mas nunca separavel das outras.

Em geral, entre nós, são más as tres educações; mas a que, realmente, demanda maiores desvelos, é a intellectual.

Com alguma indulgencia, pôde-se dizer soffrivola educação physica do-nosso povo.

Dar mesma sorte a moral. Podemos, ainda, reputar boas as nossas educações physica e moral.

Mas a intellectual?!

Eis porque pedimos instrução para o povo.

De que vale darem os paes ou educadores alguns bons exemplos a seus filhos ou educandos de que vale ensinarem-lhes alguns elementos da doutrina christã, fertil, sem duvida, de uma moral sublime, mas roçando, apenas, a superficie e de envolta com a superstição e o fanatismo?!

O coração é bom, mas não está de harmonia com o cerebro.

Ha educação moral, mas sem a intellectual, e por isso nulla.

O coração diz que quer, mas o cerebro não comprehende o que quer o coração!

O coração sobe suas vontades aos la-

bios e incumbe da pratica as mães; mas o cerebro não sabe como juvial-ge!

Separai a vontade da intelligencia e da força; e tereis a desordem, a confusão, o cahós!

Harmonizai asfa culdades do espirito: tereis, então, harmonia em cada cidadão, em cada familia, em cada sociedade.

Divida-se o corpo humano: — eis a morte do corpo!

Dividam-se as potencias da alma: — eis a morte do espirito!

Dividam-se os membros da familia: —

Dividam-se as classes de que se compõe a nação: — eis a morte da nação!

Instrução, pois, ao povo!

Só d'esta arte haverá á união entre o corpo e o espirito de cada individuo; união entre os membros de cada familia; união entre as familias de que se compõe a sociedade!

Praia Comprida, 18 de Setembro de 1879.

W. BUENO.

Cemiterio publico

Em nosso numero passado publicamos sob a rubrica supra um artigo de collaboração, patenteando o estado de abandono em que se acha o cemiterio publico desta capital.

Hoje abordaremos a questão de conta propria, não para repetirmos o que alli disse, com a maior lealdade na ex-

FOLHETIM 29

IR A ROMA E NÃO VER O TAPA

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO HAGAS

Estive a ponto de dar um grito, mas a mão que me segurava era muito macia de forma que depressa reconheci que não era de um bandido.

— Caluda! disse-me uma vosinha suave.

— Ei não abro bico, menina.

— Ponha ahi o seu violoncello.

Obedeci.

— Então! que temos?

— Estão cercados por um regimento, e Ernesto está a frente desse regimento.

— Oh! digno sr. Ernesto.

— Vê como elle me ama? seguio-nos desde Sienna. Que felicidade! Que felicidade ter sido agarrado o meu sr. Louet!

— Oh! foi uma grande felicidade, pois não!

— E fui eu que tive essa idéa!

— A menina?

— De certo. Disse que não podia dançar sem ter um musico, e tanto procuraram que afinal deitaram-lhe a mão.

— Então é a menina que eu devo?

— A mim só, meu caro sr. Louet, e além disso foi tambem graças ao seu diamante que poudes indicar por toda parte a Ernesto o itinerario da nossa viagem.

— Mas como é que estamos reunidos n'esta gruta.

— E' o sitio mais retirado do parque e o ultimo por conseguinte aonde se lembrarão de nos vir procurar. Além disso tem uma porta que deita provavelmente para algum subterraneo, a qual deve ter saída para o campo.

— Mas se nós nos safassemos por esta porta, parece-me que não fariamos mal.

— Ah! é justo. Mas ha só uma infelicidade, é que está fechada a porta.

Ouviu-se um tiro de espingarda.

— Oiça, menina! exclamei eu.

— Bom! lá principia a dança, disse Zephyrina.

— Oh! meu Deus, onde é que nos havemos de esconder?

— Parece-me que não podemos estar mais bem escondidos do que estamos.

posição o nosso digno collaborador, mas como continuação de tão importante assumpto.

A ideia de remoção do cemiterio sendo, impossivel de alimentação no presente tempo, pensemos ao menos nos meios de evitar que continue elle pela fôrma já sabida.

Não é a nosso ver cousa difficil isso; depende unicamente de nossa edilidade e, até certo ponto, do presidente da provincia.

Em 1874 ou 1875 tratou-se na assemblea de applicar-se ao melhoramento, conservação, aceio etc. do unico cemiterio publico que tem esta capital o rendimento do mesmo cemiterio, e esta ideia util estava de tal modo generalisada n'aquella corporação, que não sabemos o motivo porque não a vemos hoje em execução.

Solicitada esta medida pela camara, reforçada pela presidencia, concedida para assemblea, estava dado o passo mais importante no sentido que todos desejamos.

Não tem o nosso cemiterio leguas de extensão.

Com o producto d'aquelle rendimento poderia, talvez com largueza, ficar o recinto cercado de taboas no primeiro anno.

A admissão de um servente, que com facilidade se obteria á razão de 30\$000 réis mensaes, incumbido da limpeza e aceio plantio de arvores, flores etc. tal como se faz no cemiterio protestante fiscalisado tudo pelo administrador; a adopção de uma postura por parte da municipalidade, obrigando os cemiterios particulares, alli annexados, conservarem-se limpos de continuo; o levantamento de um traçado pelo engenheiro da provincia para o serviço das sepulturas razas, catacumbas, ruas etc: eis o meio pratico de suas grandes difficuldades, levar-se a cabo o melhoramento porque insta a população desta capital.

Chamamos, pois, a attenção dos senhores vereadores, a quem por certo, não faltará o sentimento aquelle respeito religioso, que tem todos pelos restos de seus antepassados, bem como a attenção do exm. sr. dr. presidente da

provincia, a quem faremos a justiça de acreditar que não falta boa vontade com relação ao melhoramento desta capital, para as ideias que ahi ficam, sujeitas, como é facil de comprehender, as modificações para melhor.

De uns e outros esperamos providencias, que nos furem ao doloroso espectáculo de vermos os animaes pisando no terreno sagrado, onde se achão os restos mortaes dos nossos maiores.

POESIAS

A ELYRA

Mimosa, candida *Elyra*,
Não te entristeças co'a ira
Do teu bom Progenitor:
Bondade n'elle não falta,
Soffre dos nervos, se exalta,
Mas sempre vota-te amor.

Tu provens d'ardente affecto,
Foste o primeiro objecto
Nascido de um vivo amor;
Disse escriptor d'influencia,
Qu'em teu caso, a precedencia
Te cabia e o mór valor.

Teu sexo dá-te direitos
A' complacencia e aos respeito
Tê mesmo do proprio Pai,
E os teus irmãos menores
Tem-te affeição das melhores,
Não querem ouvir-te um ai.

Na idade nubil, que passas,
Não desmereças as graças
Que doou-te o Creador:
Desterra, pois, a tristeza,
Honra aos Pais e a Natureza,
Que terás sempre louvor.

Darás gloria á Mãe amavel,
Senhora tão respeitavel
E de trato mui bondoso,
E, após breves Janeiros,
Entre os jovens mais faceiros,
Hasdo achar um bello Esposo.

Novembro 24 de 1878.

B. V.

O Zoilo do Seculo 19..

Soneto

Um bicho de Noé, da grande arca
Diz ao mundo inteiro ser poeta
Então que seriam meu pateta
Camões, Bernardim, que foi Petrarcha?

Ah! Isto até ao gram monarcha....
Faz irritar, á sôr cometa
Não sabe que prega grossa petta..
Que a historia seu nome inda não marca?

Tenha paciencia, ó moço, tenha
Que ou a sua lyra está rançosa
Ou a sua penna é—pau de lenha.

Não queira se fazer de rei (de prosa.)
Não se arroje tanto e sim detenha
Essa ousada bóla, tão fogosa.

NOTICIARIO

Tudo o que é de interesse para os nossos leitores, sabem todos que temos sempre procurado trazer a luz da publicidade nas nossas columnas.

Abstrahindo da politica local e sempre inconsciente, mesquinha, ou pessoal, não ha negal-o nosso jornal tem publicado com geral aceitação, orgulhamo-nos em dissel-o bastantes artigos de interesse palpitante.

O nosso intuito tem sido e será procurar agradar aos nossos caros assignantes.

Nesse empenho, cremos, ter acertado dando livre aceitação aos benignos e illustres collaboradores, que muito tem cooperado para o engrandecimento do nosso pequeno jornal.

Para maior interesse de nossa publicações abriremos deste numero em diante uma secção para a Correspondencia Europeá que nos será enviada quatro vezes por mez, e duas vezes mensalmente daremos um folhetim litterario da mesma procedencia.

Assim procedendo suppomos corresponder á expectativa de grande numero de nossos amaveis assignantes.

—O' menina Zephyrina, disse-lho eu espero que me não abandone?

—Eu, abandonar um amigo? nunca! Mas olhe que é com uma condição. Não ouve? não ouve?

Redobrava a ftilzilaria. Pareciam descargas de pelotão.

—Que condição é? O que quizer.

—E' que, se o sr. Ernesto o interrogar a respeito das minhas relações com o monstro, lhe digo que foram sempre honestas, e que nunca lhe cedi.

—O' menina, mas olhe que elle não acredita.

—O sr. Louet é um pateta... acredita tudo. Se elle ama-me!

—Minha senhora, exclamei eu pegando-lhe na mão, parece-me que redobra o fogo.

—Tanto melhor! tanto melhor! responde Zephyrina.

Era uma leoa aquella rapariga.

Quiz-me approximar da abertura da porta.

—Dietro! dietro! bradaram as duas sentinellas. Percebi ainda mais pelo gesto do que pela palavra que isso queria dizer « para traz » e apressei-me a recuar.

De minuto a minuto ia a peleja aquecendo. Eu estava destinado a assistir a combates; os combates perseguiram-me na terra e no mar.

—Parece-me que se approximam os tiros, disse Zephyrina.

—Assim o temo, respondi eu.

—Pois, pelo contrario, deve estar satisfeitissimo, é porque elles fogem.

—Effectivamente estou satisfeitissimo, mas desejaria que fugissem para outro lado.

matar, e havia motivo para isso, porque na realidade a matar-se é que elles estavam. Confundiam-se com os gritos o som dos tiros, o rufar dos tambôres e o toque de cornetas. Sentimos o cheiro da polvora. As detonações approximavam-se cada vez mais; tenho a certeza que os combatentes não estavam nem a cem passos da gente.

De subito, ouvimos um suspiro, depois a bulha de queda de um corpo, e uma das nossas sentinellas veio, debatendo-se rebolar para dentro da gruta. Esse homem apanhara com uma bala perdida; e como caíra dentro do raio de luz que se projectava no subterraneo, não perdemos nem uma das convulsões da sua agonia. Devo dizel-o comtudo, ao ver isso Zephyrina agarrou-me nas mãos, e senti-a tremer toda:

O sr. Louet, disse-me ella, é horrível. Não quer um homem.

Jornaes

Agradecemos as respectivas redacções remessa dos periodicos seguintes:

Despertador, Regeneração, Municipio, A Verdade, Conservador, A Gazeta de Uberaba, O Orbe, Correio do Natal, Gazeta de Joinville, Buxo Amazonas, A Ideia, Echo do Paraná Papagaio, A Grinalda e a Saudade.

—Theatro Santa Izabel. Como já noticiámos em um de nossos números passados, realizou-se a 15 do corrente, o espectáculo particular agenciado por alguns moços distintos, em favor do Imperial Hospital de Caridade.

Nessa festa, promovida pelos amadores que se encarregarão dos differentes papeis, figurarão também algumas senhoras e varios cavalleiros, o que tornou ainda mais brilhante e variado o espectáculo.

Sorprehenáo á todos os convidados a maneira porque foram desempenhadas as partes de que se incumbirão varios cavalleiros de que já fallamos.

Não se esperava que, em sociedade particular, houvesse tal execução da parte de jovens, alguns dos quaes, pizarrão no palco pela primeira vez.

Isso lhes faz honra.

No intervalo das duas comedias de que se compoz a parte dramatica da função, houve uma poesia cantada por uma interessante menina de 8 annos acompanhada ao piano por sua digna mãe a exma. sra. d. Maria Candida Cidade Luduvico d'Almeida.

Seguiu-se immediatamente a parte muzical que foi executada com maestria pelos senhores Francisco Jesé da Costa, José Brasilicio de Souza, Balduino Rodrigues de Carvalho e pelo joven rabequista Adolpho de Mello.

Houve também antes da comedia final uma scena comica, desempenhada por um dos amadores.

Apezar do tempo estar bom e terem muito se esforcado para obterem grande resultado em beneficio do Hospital de Caridade, a concurrencia não foi tão grande, o não era de esperar.

Entretanto, apesar disso, não se pode dizer que o espirito de caridade esteja completamente amortecido entre nos.

Por nossa parte saudamos aos distintos moços que souberão com raro agrado levar a effeito uma ideia de generosidade pouco commum na nossa epocha.

Deus lhe dará o pago por sua acção, tão digna deser imitada e seguida por todos.

A caridade é um dos mais bellos ornamentos das almas justas e sensiveis ao bem.

E' pelo amor do proximo que nos fazemos bons e estimados; e, quanto desprezo não merecem esses ricos orgulhosos que recuzão uma esmola pobre, sem mesmo consolal-o com uma palavra de esforço e esperança. Esses, ás vezes, são mais desgraçados do que aquelles a quem a negra necessidade obriga a recorrer á caridade publica.

São então objectos e apodrecidos, cujo contacto nos deshonra; pois nada tem de humanos, e devemos nos compadecer delles.

CORRESPONDENCIA EUROPEA

Pariz, 23 de Outubro de 1879.

Até o presente a Republica Franceza, a terceira Republica só havia guerreado contra os monarchistas. Achão-se estes derrotados. O conde de Chambord, Henrique V, representante da bandeira branca e do direito divino, pôde morrer no seu castello de Frochsdorff, na Austria. Só tem por partidarios alguns fitalgos e alguns membros do clero. O conde de Paris, chefe de familia d'Orléans, não conta perante o suffragio universal e os membros mais illustres dessa raça, o duque de Nemours (pai do conde d'Eu) o Principe de Joinville (cunhado de D. Pedro II) o Duque de Aumale e varios outros prestarão juramento de fidelidade á Republica, e, como simples cidadãos, servem uns no exercito, outros na marinha. Os Bonapartistas tinham credito perante os eleitores. Erão poderosos e estavam bem disciplinados. Mas a azagaya de um selvagem da Zululandia deo em terra com todas essas esperanças, matando o herdeiro de Napoleão III n'uma plantação de arroz. Só lhes ficou o principe Jeronymo, instruido e liberal, mais lebochado, livre pensador impopular no seu partido, e, n'ella mais em França.

Era, pois, de esperar que a Republica marchasse sem tropeços. Assim não aconteceu. Os republicanos quizerão a amnistia dos condemnados da Communa. A amnistia parcial foi votada. Da Nova Caledonia chegarão todos os soldados obscuros dessa lucta tremenda, todos ou quasi todos os chefes qua os havião levado ao combate contra a Republica conservadora de Thiers.

Ao aportarem em França, trouxerão os seus odios mal apagados, as suas ambições mal refeitadas, as suas dores mal curadas. Nas folhas diarias, nos banquetes, nos discursos funebres erguerão a voz, e essa voz algumas vezes amaldiçoou os magistrados de 1871, que os mandarão á prisão e ao exilio, proclamou que Thiers era um incendiario, e Mac-Mahon, o vencedor da Communa, um assassino. Um delles um dos mais moços, Alphonce Humbert, ex-redactor do *Père Duchêne*, immundo pasquin d'aquella era nefasta, foi solicitado para ser conselheiro municipal de Pariz. Recusou. Não obstante, os eleitores de um dos bairros de Pariz derão-lhe muitos votos. A eleição não teve resultado definitivo, por isso que nenhum dos candidatos conseguira a maioria legal. Instou-se com Humbert, que, por fim, accceitou. Sahio victorioso. O ministerio tremeo de susto. Os conservadores derão gritos, amedrontados. Então o governo, perdendo a tramontana, esquecido do seu programma liberal, justificou mais uma vez o dicto que um Jacobino ministro não é dunca um ministro Jacobino. Mandou proceder contra Humbert contra o jornal em que escreve este, a *Marseillaise*.

Humbert compareceo ante-hontem perante o tribunal correccional, tendo a seu lado o gerente de *Marseillaise*. Em vez de justificar-se aggravou quanto havia dito; em vez de defender-se accusou. O tribunal o chamára para responder a duas accusações: de ultrages a justiça, que elle tratara de de prostituta, e de apologia da communa. Humbert explicou o primeiro ejitheto retrahendo um quadro medonho da justiça militar que funccionou em 1871, mostrando a soldadesca victoriosa assassinando até crianças, os membros do conselho de guerra condemnando a torto a direito, e mandando-o, a elle que só tinha escripto artigos de jornal, por oito annos á Nova Caledonia, como galé, perdido entre assassinos, ladrões e outros criminosos explicou o segundo delict, de apologia da Communa, narrando os inauditos soffrimentos de que são victimas os condemnados. Affirmou ter visto os carcereiros suspenderem alguns pelos pés para os agoutarem; passaram ferros quentes nas plantas dos pés de outros, e chicotearem alguns.

O discurso de Humbert, cuja voz ressoava na sala do tribunal como de um juiz supremo, severa, commovida e arrebatadora, produziu immensa sensação. Humbert mostrou-se orndor e tribno de primeira ordem. D'ora avante tem a Communa o seu Mirabeau.

O tribunal condemnou Humbert a 6 mezes de carcere e mil francos de multa, o gerente de *Marseillaise* a um mez de prisão e 6 mil francos de multa, a bem de uma suspensão do jornal por 16 dias.

O que o tribunal não disse é que condemnou também Humbert a ser eleito deputado pelos intransigentes na primeira occazião que houver.

Toda a imprensa incara essa severissima condemnação como o testamento do ministerio, e mais do que nunca os gaiaos vão assobiando pelas ruas o famoso estribilho de certa peça conhecida:

« Ce n'estuit pas assurancement
de changer de gouvernement »

Não, não valia a pena mudar de governo para os liberaes procederem exactamente como procedião os ministros reaccionarios de 24 de Maio de 1873 e 16 de Maio de 1877.

Á PEDIDOS

Expediente do Club Terpsychora 12 de Julho.

Aos dezoito dias do mez de novembro de 1879, reunidos o presidente e mais socios deste club, foi declarado pelo mesmo sr. aberta a sessão.

O sr. 1º Secretario procedeu a leitura da acta da sessão transacta, a qual, posta em discussão foi approvada. O mesmo sr. presidente declarou que o fim da presente sessão era tão somente para admissão de socios: os seguintes cidadãos: Joaquim Martins Jacques, Alfredo Carlos Schimidt José Antonio Dias

Marsellino Antonio cordeiro Francisco Luiz dos Santos Magano, Fernando C. Ebel e Caetano da Silva Vaneces, e procedendo-se a votação por escrutínio secreto foram todos approvados.

E nada mais havendo a tratar o sr. Presidente deo por findo os trabalhos.

Sala das sessões da Club Terpsychore 12 de Julho em 18 de Novembro de 1879.

O 1º secretario.

Marques Alcxo

Moços e letras

Vai com sobrescripto ao sr. A. de V. Porto.

Si o moço *Solfieri* é um poetastro insulto,—pedante, que nem sabe a arte de escrever,—fazedor de versos mancos e comedor de relva.

(Não podemos deixar de extranhar a falta de delicadeza de um escriptor que assim se exprime); si é um tolo—tão quadrado—, poeta tão boçal, tão . . . tão cheio de qualidades más,—porque vos occupais com elle e seus escriptos?

E' um ignorante? não produz cousas que preste?

Deixae que o esmague o desprezo da opinião.

Julgamos infeliz a exhibição do autor do *Lembrete*.

Desejariamos vel-o, sim, tomando uma a uma as produções do *solfieri*, criticar-as com arte e seriamente.

Elle mesmo, sizudo como folgamos de conhecê-lo, e amante do estudo como não ha contestal-o, aproveitaria o ensinamento do mestre e delle colheria quanto fosse digno e util.

Mas atirar-se *Alberto*, sob a fôrma de versos, a quem escreve para si, procurando no estudo a illustração do seu espirito, o desenvolvimento de sua intelligencia (que não ha negal-a) é um procedimento esse que faria velar, não de raiva—mas de dor, de pezar, a musa de Camões si por ventura lera ou ouvira ao escriptor que enfrentamos.

Do mesmo modo combater a tendencia *azevediana* em um moço que começa, como *solfieri*, a tentar vãos no largo espaço da litteratura, é dar mostras de que não se tem estudo, já do que seja o espirito humano, sua marcha, desenvolvimento, etc., já do illustre poeta tão cedo roubado às glórias de sua patria.

Viesse, pois, *Alberto* para o terreno da critica litteraria pura, e o louvaríamos com entusiasmo, congratulando-nos com a provincia por vermos ir se desenvolvendo o gosto pelo estudo.

Porem pela forma porque o for—não.

O autor do *Lembrete* foi até despotico condemnando as produções de *solfieri* suas discussões.

Não argumentou, não apontou erros: lavrou seu *verdictum* e pol-o a correr mundo! foi uma bolha de sabão já desfeita ao frequentissimo impulso de meia duzia de dias que lá se foram.

Entretanto se tivesse em memoria aquellas celebres versos de Bocage:

« Satyras prestão, satyras se estimão
Quando n'ellas calunhia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vicio nota, o merito gradúa. »

queremos fazer justiça a *Alberto*, dizendo—lhe que seria mais commedido e menos... desattencioso.

Demais ha sempre pouco cavalheirismo, nenhuma generosidade e grande falta de cortezia, em atalar-se assim—mais a pessoa do que as produções—quando o aggreddido se não pode defender: se para-o uma distancia immensa.

Em conclusão.

Convença-se *Alberto*: *solfieri* é um talento, timido e acanhado ainda é certo por ver-se enfaimado nos seus dezeseis ou dezoito annos; mas que, cultivado como vai sendo, se tornará grande um dia como tudo quanto pertence á patria em que nasceu.

SOLITARIO.

Club Terpsychore

12 de Julho

Chapa para nova Direcçõria que tem de fuuncionar no semestre de Janeiro a Junho de

1880.

DIRECTOR

Joaquim Martins Jacques.

V. DIRECTOR

Emilio C. M. Aleixo.

1º SECRETARIO

Silvio P. de F. Noronha

2º DITO

Olympio dos A. C. Pinto.

PROCURADORES

José Antonio Dias.

2º DITO

José Seguy dos Passos.

Um socio imparcial.

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DO

BOM GOSTO

3 LARGO DE PALACIO 3

Guelfo Zanirati

Tem sempre completo sortimento de pannos, casemiras e brins.

A prompta obras com toda a brevidade e modicidade nos preços.

Henrique Juge

Ex agente da casa de Mr. F. W. Reynold & C. Londres.

Tendo regressado da Europa e tendo sido premiado na Exposição Universal de Paris em 1878 com medalha de prata pelos seus trabalhos, acha-se pois habilitado á fazer todo e quaesquer concertos em machinas, por mais complicados que sejam, por preços commodos.

RUA DO PRINCIPE 164.

FUMO

Na casa de negocio da rua da Lapa n. 20 vende-se fumo chegado de Jundiahy, a 1\$200 o kilo; em pacote 1\$000.

Atenção !

O abaixo assignado participa ao respeitavel publico que abriu uma loja de barberia á rua do Principe n. 106; espera a protecção dos seus amigos e freguezes.

José A. Duarte Silva.

CLUB

19 de Junho

Sessão para admissão de socios, hoje as 11 horas da manhã.

O secretario.

A. de Farias.

CLUB TERPSYCHORE

12 de Julho

Sessão hoje às 11 horas da manhã, para admissão de socios.

Pede-se o comparecimento de todos os senhores socios.

O 1º. Secretario.

Marques Alcxo.

ADVOCACIA

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba, com Escriptorio de advogacia e de negocios Administrativos.

Rua da Prainha N. 130

RIO DE JANEIRO

Barberia

DE

Daniel Estevão Brocado

Participo aos meus amigos, que se acha a sua disposição sua loja de Barbeiro no

26 Largo do Palacio 26

Typ. e Lith. de Alex Margarida.
23 Rua de João Pinto 28